Dr. Guilherme Studart, o Médico

PEDRO A. SAMPAIO

Oscar Freire, que foi professor da Faculdade de Medicina de S. Paulo, disse certa vez, em uma de suas aulas inaugurais, que o motivo decisivo que o levara a seguir a medicina, fôra a grande admiração que sempre tivera pelo velho médico de sua família.

E é assim que êle o descreve: —

"Cheio de bonomia e tolerância, confiante e alegre, de uma alegria plácida, tranquila e tão igual que a sua equanimidade se refletia até na constância do trajar. Era um símbolo da bondade e da confiança da medicina que a minha ingenuidade pueril não compreendia uma sem a outra. E foi por isso, pela lembrança que em minha alma de moço incutira a figura boníssima dêsse amigo, que me fiz médico."

Êsse perfil esboçado pelo professor Oscar Freire, para descrever o seu querido médico e amigo, retrata fielmente a figura do Dr. Guilherme Studart, dêsse caridoso médico que, em menino, vi algumas vêzes à cabeceira de doentes em nossa casa.

Creio mesmo que, quando escolhi a Medicina para minha profissão, fui, de alguma maneira, influenciado pela lembrança do bondoso médico, de quem meu pai falava sempre com grande amizade, como procurando nos fazer partilhar dessa admiração que por êle tinha.

Ainda guardo, bem viva na mente, a maneira por que êle, cabelos já grisalhos, baixinho, de andar macio como a evitar

qualquer ruído, se apresentava em suas visitas médicas.

Fraque preto, colarinho duro e óculos reluzentes com aros de ouro, chegava à nossa casa, batia à porta, chamava meu pai e, sorridente, antes de indagar quem era o doente, perguntava por mim, seu afilhado de crisma. E tudo isso em voz ciciada, de modo fidalgo, num meio sorriso, com essa simplicidade e essa bondade que eram apanágio dos médicos dessa época que bem longe vai e já quase de todo esquecida. E enquanto pedia notícias de um e de outro, entrava na alcova para ver o doente aplicava o termômetro, que tirava cuidadosamente do estôjo de ouro, palpava o pulso do enfêrmo, perquiria e sondava com os olhos a anciedade de cada um e com um sorriso de animação e de esperança, dizia por fim:

— Vai bem. Nada de grave.

Naquele sorriso de bondade e nas palavras de esperança que lhe afloravam aos lábios, tínhamos confiança e a quase garantia de cura do nosso doente.

Assim era o Dr. Guilherme Studart, na última década do século passado, ao tempo em que exercia a clínica em Fortaleza, iniciada logo no ano seguinte ao de sua formatura na Faculdade de Medicina da Bahia, em 1878.

O Ceará, então, sofria uma de suas maiores calamidades, — a sêca e, desta vez agravada por uma formidável epidemia de varíola, que só em dois meses, no ano de 1877, fizera em Fortaleza 27.378 óbitos.

Chocado pelo espetáculo dantesco que se lhe deparara ao chegar à sua terra natal, ferido em seus sentimentos de humanidade, impressionou-se profundamente com o que observava nas ruas de Fortaleza, dia e noite invadida por levas de retirantes, por bandos de esqueletos ambulantes, cobertos de pústulas variólicas, que, em busca de socorro, desciam dos sertões e vinham para a capital estender a mão à caridade pública. Então, o Dr. Guilherme Studart, que, recém-formado, acalentava belos sonhos para o seu futuro de médico, ingressou na medicina pela porta da desilusão e viu, desde o primeiro passo, o verdadeiro quadro de pobreza e de miséria com que,

em geral, se depara o clínico durante toda a vida profissional. E ofereceu-se para tratar dos variolosos, dar-lhes o socorro de sua ciência e a palavra de confôrto das almas boas e bem formadas.

Nos acampamentos que se faziam nos subúrbios da capital, sob as copas das mangueiras e dos cajueiros apinhados de flagelados e de doentes, nos abarracamentos que se improvisavam nas estradas e localidades circunvizinhas, para abrigar "retirantes", o Dr. Guilherme Studart, sem remuneração de qualquer espécie, apenas por espírito de amor ao próximo, prestava, dia e noite, desveladamente, os seus serviços profissionais.

Durante seis meses estacionou na cidade de Maranguape, para que mais prontos fôssem os socorros médicos aos necessitados e mais eficientes os serviços de profilaxia e de medidas preventivas que instituíra para debelar o flagelo.

Em 1880 o presidente da Província, José Júlio, pedindo que se encarregasse de dirigir a remoção para a Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza, dos variolosos ainda restantes nos acampamentos, disse, no ofício que lhe dirigiu:

"Por mais êste serviço, que solicito de seu patriotismo e sentimentos humanitários e pelo zêlo e inteligência com que V. Sia. desempenhou as funções de médico-fiscal, me é grato, ao terminar hoje V. Sia. a comissão de que foi encarregado, testemunhar-lhe a minha satisfação e reconhecimento aos seus méritos."

Em outubro dêsse mesmo ano de 1880, o Conselheiro André Fleuri enviou ao Dr. Guilherme Studart o seguinte documento, prova do zêlo, da competência e do desinterêsse do jovem e desvelado clínico:

"Tendo V. Sia. se incumbido, generosamente, do tratamento dos órfãos do recolhimento da Jacarecanga, sem retribuição alguma por seu trabalho, e fazendo-se sentir a necessidade dos cuidados de um facultativo na "Colônia Cristina", para igualmente cuidar do tratamento dos órfãos, tomo o alvitre de propor a V. Sia. a aceitação de mais essa incumbên-

cia, mediante a gratificação mensal de cinqüenta mil réis e passagem de 1a. classe nos trens da via férrea toda vez que seu comparecimento fôr solicitado pelo Diretor ou pela Regente da mesma colônia.

Apesar de ser pouco vantajoso pelo lado material o partido que ora proponho a V. Sia., em razão dos crescidos encargos que oneram a Província e que impõem a maior parcimônia na autorização de novas despesas, todavia espero que V. Sia. o aceitará levado pelo intuito de concorrer para a prosperidade daquele estabelecimento."

Aguardo, neste sentido, a resposta de V. Sia."

E o Dr. Guilherme Studart aceitou mais êste pesado e gratuito encargo, como exerceu, durante tôda a sua vida clínica, incumbências outras de igual jaez, entre as quais a de Chefe de Clínica da Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza, diretor e fundador do Instituto Pasteur, diretor honorário da Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará e iniciador da construção de uma leprosaria em Fortaleza.

E não se diga que êle era rico ou pelo menos abastado, porque, se o fôsse, não teria aceito com sacrifício de sua saúde e de seus estudos, quando acadêmico de Medicina na Bahia, o lugar de censor e de lente de Inglês, Geografia e História do Brasil no ginásio do Barão de Macaúbas.

Logo no ano seguinte ao da sua formatura, em 1878, morreu-lhe o pai e deixou-lhe, como legado, a manutenção, assistência e educação de onze irmãos.

E foi assim, tendo a seu cargo tamanha responsabilidade, que o Dr. Guilherme Studart, em período calamitoso e hostil, ensaiou os seus primeiros passos como médico, em Fortaleza.

Com o mesmo espírito de desinterêsse e de desprendimento, com a mesma modéstia e abnegação, tanto penetrava nos solares dos potentados como percorria as alfurjas, onde penavam os desapercebidos dos bens terrenos. Solícito e bondoso, arrostava muitas vêzes a fadiga de longas caminhadas, fôsse para atender o rico, fôsse para medicar o pobre ou socorrê-lo em sua choupana.

Nunca, porém, se descurava de manter em rigorosa linha a indumentária solene, por demais incômoda em nosso clima, mas da qual jamais se afastara até seus últimos dias, quando em desuso já se achavam a tradição de severidade, de circunspecção e essa distinção de trato que, tàcitamente, se tornaram obrigatórias a todos os médicos de antanho.

Mais tarde, quando êle deixara de clinicar e eu tentava, em Fortaleza, exercer a profissão, Guilherme Studart, já com a insígnia do baronato, dedicava todo seu labor em pesquisar fatos da história do Ceará.

E nesse afã, dia e noite, no vasto salão térreo de um velho sobrado da então rua Formosa, onde morava, era visto a desempoeirar alfarrábios e a desencovar dos arquivos cousas ignoradas e preciosas da história de nossa terra.

Foi aí que, certo dia, sentindo ainda lampejar-lhe no cérebro e no coração o amor à Medicina, a que tão bem servira, me chamou e me instigou a dar o meu apôio à idéia do Dr. Duarte Pimentel de congregar em sociedade a classe médica do Ceará.

Por fôrça do seu entusiasmo contagiante, da sua influência dentro da sociedade, do seu prestígio junto aos médicos, a 20 de fevereiro de 1913, com a presença de todos os médicos, farmacêuticos e dentistas de Fortaleza, fundava-se à rua do General Sampaio, na residência do Dr. Manuel Teófilo Gaspar de Oliveira, o Centro Médico Cearense. A 20 de março do mesmo ano, com grande solenidade, realizou-se na Assembléia Legislativa do Estado a posse da primeira diretoria do Centro e o Barão de Studart, seu primeiro presidente, com fé apostolar e entusiasmo de moço, fêz o discurso inaugural, todo êle um hino de louvor às magnificências da Medicina e uma belíssima lição de ética profissional e de amor ao próximo.

E para que a novel agremiação atravessasse sem delíquios sua primeira fase de resistência, minguadas como sóem ser, em meios pequenos, as possibilidades vitais de qualquer sociedade, seja literária ou científica, o Barão de Studart todos os meses, no dia da sessão do Centro Médico, com sacrifício da

sua comodidade e com prejuízo de seus múltiplos quefazeres, ia à casa de porta e janela da rua de Floriano Peixoto onde se instalara o nosso grêmio e, muitas vêzes, com a presença de apenas meia dúzia de sócios, abria a sessão e preenchia tôda a ordem do dia com um trabalho original de sua lavra, quase sempre sôbre fatos da história da Medicina do Ceará.

Foi êle um dos mais assíduos e mais esforçados colaboradores do **Norte-Médico**, primeiro nome que teve o **Ceará-Médico**, órgão do Centro.

E só quando viu consolidada a associação que fundara, deixou de freqüentá-la, embora nunca se tenha esquecido de dar-lhe o seu apoio e o seu estímulo.

O Ceará teve no Barão de Studart um dos mais competentes e indefessos estudiosos de sua história e a classe médica cearense teve nêle também uma de suas figuras mais representativas e um de seus mais estrênuos batalhadores.